

O LIVRO DOS REMÉDIOS DE CASO

ÍNDICE

NOTA IMPORTANTE	1
A TRADIÇÃO DA CIENTOLOGIA	2
MANEJAMENTO DO PRECLARO	7
MANTER O PC A RECEBER AUDIÇÃO	9
O PTP, OVERT E QUEBRA DE ARC	12
O PC QUE ABANDONA	14
REVISÃO DO REMÉDIO A, REMÉDIO B, E S&Ds	16
S&Ds	20
TABELA DE REMÉDIOS	22
REMÉDIOS DO SUPERVISOR	27
NOTAS TÉCNICAS	37
CONCLUSÃO	38
ÍNDICE DOS REMÉDIOS	40

NOTA IMPORTANTE

Ao estudar Cientologia, certifique-se muito muito bem de nunca continuar para além de uma palavra que não compreenda completamente.

A única razão porque uma pessoa desiste dum estudo ou fica confusa ou incapaz de aprender, é porque ela continuou para além de uma palavra que não foi compreendida.

Se o material se tornar confuso ou lhe parecer não conseguir apreendê-lo, haverá imediatamente antes uma palavra que não compreendeu. Não vá adiante, mas volte atrás a ANTES de ter entrado em problemas, encontre a palavra mal compreendida e defina-a, depois continue.

CAPÍTULO I

A TRADIÇÃO DA CIENTOLOGIA

Dantes os preclaros estavam cheios de mistérios e incógnitas. Uma vez, para resolver um caso, foi necessária uma bola de cristal, uma relação limpa com Miguel Arcanjo e muita sorte.

Catorze anos activos e dezenas de milhares de pcs (preclaros) mudaram isso tudo.

Durante o verão passado, tinha acabado a pesquisa da Rotina 6 (objectivos próprios do pc), pude rever todos os níveis e fases que um pc ou auditor (técnico de Cientologia) tem que atravessar.

O que emergiu, ao dar uma forma comprehensível a este material, foi que as pessoas tinham em geral confundido Aclaramento e *Thetans Operacionais* (OTs).

ACLARAMENTO

Muita gente tinha tentado endeusar *Claros* e raramente compreendido “OT”.

Claros e aclaramento estão na verdade completamente explicados no primeiro artigo publicado na Dianética (*Dianética: a Evolução de uma Ciência*), e no “Livro Um” (*Dianética: a Ciência Moderna de Saúde Mental*). *Claro (clear)* é o nome de um botão duma máquina de calcular. Quando o accionamos todas as respostas escondidas na máquina se *aclararam* e a máquina pode ser usada para uma computação capaz. Enquanto o botão *não* for accionado, a máquina junta todas as respostas anteriores a todos os novos esforços para computar, resultando daí respostas erradas.

As pessoas que têm respostas fixas antigas a reagir quando tentam pensar, obtêm respostas erradas quando tentam resolver os problemas correntes. Tais respostas antigas não estão *aclaradas*. O Raul ainda está a tentar resolver os humores da mão que já morreu há anos. A Anabela ainda anda a fugir do vagabundo que a atacou quando tinha 10 anos. Assim, o Raul fica em casa como solução para as mulheres deste mundo. E a Anabela foge como louca de um lado para o outro como solução para todos os homens esquisitos que encontra. Os amigos deles pensam que eles são um pouco estranhos. O médicos prescrevem-lhe pílulas. E nós *aclaramos* as velhas respostas sem sentido que não lhes permitem ter respostas mais sensíveis.

Como máquinas de calcular ou qualquer tipo de calculadora, iriam para a sucata. Eles dão à vida respostas erradas porque já *têm* uma resposta oculta nos *carretos*.

Eles não estão *aclarados*.

Bom, um *claro* mão é realmente mais do que isso.

Os Claros são seres que foram aclarados de respostas erradas ou desnecessárias que os impediam de viver ou pensar.

O ESTADO DE CLARO

Agora o *estado* de ser aclarado foi o que confundiu a questão. As pessoas queriam saber como é que seriam se estivessem aclaradas. Uma boa pergunta. Acumularam-se dados, mas não tão rapidamente como as perguntas. As pessoas aclaradas seriam melhores, sentir-se-iam melhor, agiriam melhor, seriam mais morais, etc. Tudo isto são dados adquiridos.

Mas a ânsia do absoluto deu origem a que toda a gente pusesse o estado chamado “OT” no lugar de “ser aclarado” “Absolutos”, nos nossos axiomas, são “inatingíveis”.

O ESTADO DE THETAN OPERACIONAL

Thetan operacional é um estado de ser. É um ser “em causa sobre matéria, energia, espaço, tempo, forma e vida”. *Operacional* vem de “capaz de operar sem depender de coisas” e *Thetan* é a letra Grega Teta (Θ) que os gregos usavam para representar “pensamento” ou talvez “espírito”, à qual é juntado um “n” para fazer um novo substantivo no estilo moderno para criar palavras na engenharia. É também Θn ou “teta levantado a n”, significando ilimitado ou vasto.

O CONCEITO TRADICIONAL

Em resumo, um Thetan é um espírito individual ou alma ou unidade de vida, ou cinquenta outras coisas tudo acabando no conceito tradicional da natureza espiritual do homem ou estado de ser. Mais radical, um pensamento recente partiu por caminhos de aventura e anunciou, contrariamente a uma filosofia mais conservadora e usualmente aceite, que o Homem era um animal feito de miolos e ossos e não possuindo qualquer alma. Isto pode ter feito sentir menos culpa aos originadores desta estranha escola Russo-Germânica pelo que fizeram ao homem em guerras e na ciência. Mas é preciso mais que um Marxista psicólogo para mudar para sempre todas as filosofias básicas do homem e 99% da população da Terra, pelo menos, ainda acreditam que têm alma ou são almas. Só os filosoficamente iletrados e os agitadores da escola radical recente acreditam que invadiram o credo do homem de que ele tem ou é uma alma. Só aqueles que procuram escravizar o homem tentariam “vender” a ideia de um homem “desalmado”.

O resto que somos nós, e nós somos, lembrem-se, 99% da população do planeta, ainda mantemos o conceito de que vamos para algures quando “morremos”.

Só homens que têm uma sede total de vingança, desejariam que os outros morressem completamente.

SEGUIR A TRADIÇÃO

Ficando com a filosofia mais tradicional e trabalhando com o que me parecia mais razoável, consegui demonstrar em 1952 a existência desta coisa chamada espírito (as experiências de “Exteriorização”).

Mas querendo evitar “espiritualismo” ou mesmo “alma”, pois tanto um como o outro tinham como palavras histórias tão volumosas, que eu forjei a palavra *thetan*, derivada como atrás mencionado; e a partir daí os Cientologistas ficaram satisfeitos com isso.

Eu talvez devesse ter-lhe chamado a palavra grega mais tradicional, “*psique*”, mas não vi nessa altura virtude em ser confundido com os “*psicólogos*” explicam nos seus textos que não sabem o que o seu próprio nome significa, pois não sabem o que é a “*psique*” e não acreditam na sua existência, o que perturba bastante o título pela palavra que adoptam para si próprios.

Mas eu, de qualquer forma, para melhor ou para pior, adoptei “*thetan*”.

O ESTADO FINAL

Em breve se tornou perfeitamente visível que a condição espiritual podia ser melhorada, e uma consecução final de “causa sobre a matéria, espaço, energia, tempo, forma e vida” foi possível.

Agora *este* foi o estado final. Thetan Operacional: uma transcendência sobre a morte e trabalhos da existência mortal, teoricamente atingível. Foi um sonho. Um sonho audaz. Mas não um sonho novo. Como tudo o que nós temos em Cientologia, é baseado na filosofia *tradicional*. Os homens pensadores de toda a grande civilização até este século, não só teriam apreendido o significado disto, mas eles próprios estavam à procura de o atingir. Nomeemos um grande nome da história da filosofia. Muito bem. Ele estava a tentar atingir OT por meio da exploração da Vida, Pensamento, Homem ou a Razão da Coisas.

Só nas últimas décadas o sonho foi desafiado por um punhado de radicais. O facto de estes não ensinarem na universidade é apenas um comentário de que as universidades de hoje não são as casas de iluminação que foram no passado. Ah, sim, eles podem ser melhorados. E seriam necessários muito mais que esta meia dúzia de rebeldes para esmagar um dos maiores sonhos do Homem; o sonho da liberdade de espírito, o sonho da liberdade própria, o sonho de ascender acima da matéria base.

CLARO DIFERE DE OT

Então OT era o *estado* de ser.

Claro era uma condição gradiente. (Uma melhoria gradiente).

Durante estudos do ano passado, tudo isto se destrinçou e foi compreendido, e pela primeira vez foi fácil de exprimir.

Claro *não* é um gradiente para OT Claro é apenas um gradiente para Homo Novis. Homo (homem) Novis (novo). Esta é uma melhoria desejável. *Muito* desejável para qualquer um.

Uma coisa inteiramente nova tem que ser feita para fazer um Thetan Operacional.

Mas tivemos que saber como o fazer para o descobrir. E a Rotina 6, o processo que faz um OT, começa realmente no Homo Novis.

Certamente a rotina 6 corre melhor num Homo Novis. A prova é que aqueles Cientologistas que foram bem *aclarados* não têm qualquer problema com a rotina 6 e aqueles que não foram aclarados, particularmente os que tiveram poucos ganhos em processamento, passam um mau bocado com a rotina 6. Eles dão-se um pouco bem com ela, mas é como olhar para um pigmeu a lutar com um elefante.

Assim, embora tenhamos a rotina 6, a minha tarefa foi trazer preclaros até claros e depois enviá-los para OT

OS NÍVEIS ATÉ OT

Isto é feito, e muito bem feito, elevando o ser a uns poucos de ganhos básicos com processamento ordinário (até nível III) e então elevando o preclaro até claro (Nível IV) e indo então para OT, que é nível VI (sendo o V saltado, mas deixado lá porque contém um tipo conhecido de tecnologia não necessária, mas necessária para sabermos a sua existência).

Para dizer a verdade, estamos realmente *aclarando* do Nível I ao Nível IV; mas este aclaramento, agora que eu tive a oportunidade de o refinar, é em si mesmo um processo que precisa perícia e capacidade tanto para o percorrer como para o receber. E temos que elevar o ser para *o fazer*. Por isso um ser que pode fazer isto é um “Liberto”, que alcança o nível II.

Estas fases, conforme expresso nos “Níveis”, são perfeitamente reais e estão a ficar muito exactas (ver Carta de Gradientes). Catorze anos de trabalho desenvolveram uma grande quantidade de know-how. E ele ficou todo no seu lugar exacto quando chegámos onde nos foi possível ficar lá em cima e observar o chão abaixo. Precisámos de Rotina 6 e da possibilidade prática de atingir OT para ver onde se encontra o tipo que acaba de chegar da rua.

Como é que nós tiraríamos tal tipo do fundo do poço para o topo da montanha? Esse é que era o problema.

NÍVEL VI

Consecução



THETAN OPERACIONAL

(causa sobre matéria, energia, espaço, tempo, forma e vida)

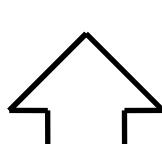
NÍVEL V

(Fenómenos encontrados mas não necessariamente processados



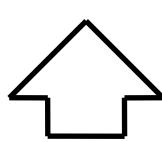
NÍVEL IV

Consecução



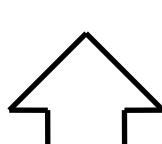
NÍVEL III

Consecução



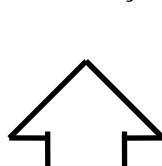
NÍVEL II

Consecução



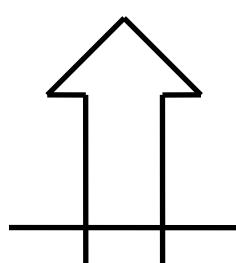
NÍVEL I

Consecução



NÍVEL 0

Consecução



CLARO DE TETA

(Uma condição parcial de OT contém História do Homem, Implantes, Vidas passadas, Engramas da Banda total, dados de Paracientologia)

CLARO

(Não reage com respostas incorrectas a problemas humanos)

SAUDÁVEL

(Susceptibilidade a doença e acidente reduzido)

AUTODETERMINADO

(Nível de actividade mais elevada. Menos um efeito do ambiente)

LIBERTO

(Uma pessoa que pode melhorar e sabe que teve benefícios e que não piora)

CIENTOLOGISTA APRENDIZ

(Uma pessoa que sabe como saber, como estudar, do que a vida trata)

HOMO SAPIENS

CAPÍTULO II

MANEJAMENTO DO PRECLARO

No ponto mais baixo da rota ascendente encontramos as condições mais duras de audição.

Não existe esforço heróico que produza ganhos instantâneos e permanentes. Podemos produzir um ganho que de tão rápido desestabiliza o pc. É tudo muito súbito e novo e o pc não pode aceitá-lo tão depressa. Prova é a sorte do pc que é subitamente “exteriorizado”. “Privado” dum corpo mesmo que por alguns minutos em audição, não importa quanto melhor ele se possa sentir durante esses poucos minutos, a mudança é demasiado rápida. Podemos exteriorizar *qualquer* pc. É súbito, rápido e inconstante. Trata-se assim, de um utensílio de *pesquisa* e não de procedimento de audição.

Possivelmente poderíamos aclarar alguém por algum meio rápido como um relâmpago, mas cairia de novo. Porquê? Porque não tínhamos aclarado botões suficientes, mais nada. Deixámos demasiadas respostas erradas no caso para ele estar certo num novo estado.

O SEGREDO DOS GANHOS DO PRECLARO

O segredo para manejar o preclaro é obter os ganhos que o pc no mundo em que ele vive, e obtendo cada vez mais desses ganhos até novos ganhos serem aceitáveis e por isso estáveis. Depois disso, podemos “ir fundo” no aclaramento.

E quando acabamos de aclarar o pc, ao ponto de se aguentar sozinho e obter respostas correctas na existência que ele está a viver, podemos de novo ir fundo com a Rotina 6.

E eventualmente temos OT

ESTAR CONFORTÁVEL

Falo agora de uma altura técnica muito bem substanciada que levou os catorze anos a subir depois do Livro Um.

E acho que pode ser feito bastante facilmente se for feito passo a passo e não sujeito a uma escalada impaciente e descuidada. Na escalada só nos magoamos nas rochas.

Isto não quer dizer que leve muito tempo. Leva antes um tempo estável e ordenado, não voando antes de poder andar por assim dizer, e ser capaz de olhar para cima sem ficar tonto e de olhar para baixo sem ser dominado pela grandeza da sua própria escalada.

Estar confortável com isso é a palavra de ordem.

As pessoas que vão a caminho a um ritmo confortável não têm na verdade consciência dos seus ganhos! Eles tomam-nos como dados adquiridos.

A TAREFA DO AUDITOR

A tarefa do auditor ao manejar o caso do preclaro é guiar o pc para cima e de novo para cima até ganhos confortáveis e aceitáveis, que o pc possa ter e que, por isso, são permanentes.

CAPÍTULO 3

MANTER O PC A RECEBER AUDIÇÃO

Para ajudar alguém, é necessário manter o pc a receber audição, quanto mais fazer Claros e OTs.

Isso soa bastante fácil à primeira vista com todos esses objectivos deslumbrantes que lhe podem ser colocados. Mas o facto real é *que este é o único lugar* onde os auditores caem por terra.

Obviamente que não podemos aclarar ninguém, seja qual for a técnica que possuirmos, se o preclaro não permanecer a receber audição.

Damos um preclaro a um auditor para que ele o audite e os auditores fazem-no na verdade muito bem.

Mas quando o pc deserta, ou apenas não volta a aparecer, o que +e que se passa? É o fim do aclaramento não é?

O PROBLEMA BÁSICO

Existem várias razões pelas quais é difícil levar o pc a continuar a receber audição.

Elas encontram-se todas sob o título de GANHOS.

Se um pc não está a ter ganhos, duas coisas acontecem:

(a) Uma vez que o pc não está a ficar mais capaz, ele não está a ganhar dinheiro suficientemente rápido ou descobrir o tempo adicional necessário para ter audição, ou

(b) O objectivo para atingir um estado mais alto está frustrado e isto quebra o ARC do pc.

Se um pc *está* a ter ganhos então:

(a) O pc fica mais capaz, ganha mais ou descobre mais meios e faz mais num dado período de tempo deixando mais tempo para audição, e

(b) As perturbações e desconfortos menores que acompanham mesmo a audição mais suave, são desprezados.

ECONOMIA

Lamento ter que mencionar a economia, mas esta joga o seu papel. Operando numa sociedade cheia de armadilhas e ardis económicos, temos que ter uma solução para eles ou então vacilamos. E isto aplica-se tanto ao pc como ao auditor, quer haja carga na audição ou não. Livre de questões económicas e de uma forte coacção, significa liberdade para ser auditado ou para auditar, e tal liberdade e tal liberdade é mais facilmente conseguida pela capacidade do que pela sorte. Mas o progresso da pessoa melhora o seu controlo sobre as coisas muito antes de OT ser aproximado; na verdade, muito antes de claro ser realizado.

O CAMINHO É LONGO

As pessoas não têm ideia de quão longo é o caminho; elas não querem confrontá-lo. Mas existe uma enorme quantidade de aberração entre um ser vulgar e um *Liberto*, mas muito menos que entre um ser vulgar e um claro. Um *liberto* é uma pessoa que sabe que não vai piorar.

O comando de um liberto sobre o seu tempo e património, embora esmagadoramente pequeno comparado com o dum claro, é no entanto fabuloso comparado com alguém que nunca foi auditado.

A NECESSIDADE DE GANHOS

Assim é vitalmente necessário manter o pc com ganhos, não importa quão pequenos, para manter o pc a ser auditado. Isto é por vezes difícil de fazer. Porque as armadilhas da vida estão sempre a abrir a boca à pessoa que se encontra perto do fundo. De facto, quanto mais perto do fundo a pessoa *está*, mais possibilidade há de cair num dos ardis da vida.

Por isso, quanto mais perto do começo a pessoa está mais necessário é dar-lhe ganhos, pois mais fácil é ser derrubado na sua rotina da existência diária. Como a catástrofe chega simplesmente no dia a dia da vida, que não está nada aclarada, e como as respostas duma pessoa nesse estado não são passíveis de ter uma alta percentagem de rigor, mais fácil é entrar numa condição em que ele não pode receber mais audição por razões económicas, sociais ou outras. São necessários ganhos par ultrapassar tudo isto.

Se um ser em *qualquer* ponto da rota “deserta(parte para sempre)”, perdeu o alcance final, mesmo que ele tivesse tido benefícios.

SABER AS RESPOSTAS

Assim, para fazer libertos, claros e OTs, temos que saber as respostas a:

COMO É QUE MANTEMOS UM PC A RECEBER AUDIÇÃO?

Para responder a isto temos que saber responder a:

COMO É QUE MANEJAMOS UM CASO QUE NÃO ESTÁ A PROGREDIR?

E para saber isto temos que saber:

COMO É QUE MANEJAMOS CASOS?

E para saber isto temos que saber:

COMO É QUE MANEJAMOS OS TIPOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS DOS CASOS?

Tudo isto tem que parecer muito vasto. E foi, na verdade.

O conhecimento foi dum tipo altamente especializado, nascido de anos de treino e experiência.

O que é que nós fazemos quando o pc faz o quê?

Os supervisores de audição andaram a dar com a cabeça nesses problemas durante anos.

Assim, vendo isso, desenvolvi uma espécie de tabela.

Esta tabela ou lista dá-nos aquilo que devemos observar, o que verificar quando acontece e o que percorrer para cuidar disso.

Agora, todos estes processo são antigos. Eles foram experimentados e são de confiança.

Neste livro não tentei dar-vos o processo mágico que ajuda ou liberta ou cura ou aclara ou faz OTs, pois este material não é material que desiluda os auditores. Neste livro dei-vos os processos que mantêm o pc a receber audição quando ele parece parar ou querer parar ou poder parar.

OS FUNDAMENTOS BÁSICOS

Dado qualquer tipo de treino competente o auditor deve realizar apenas estas coisas:

- (a) Se o pc pode ser mantido em audição, os resultados mais assombrosos podem ser obtidos seguindo os processo para esses resultados;
- (b) Se o pc não pode ser mantido em audição , nenhum resultado pode ser obtido;
- (c) Que o pc que obtém ganhos regulares, aceitáveis para ele, continuará a ser auditado;
- (d) Que o pc que não obtém a sua pequena quota de ganhos desertará; e
- (e) Que o preclaro pode ser manejado a fim de não desertar e ter ganhos.

Este livro diz-nos como fazer estas coisas.

CAPÍTULO 4

O PTP, OVERT E QUEBRA DE ARC

As três áreas gerais que impedem os ganhos são : (1) O PTP (problema de tempo presente); (2) O Acto Overt; (com as suas contenções de todo o género); (3) A Quebra de ARC (Uma queda súbita em afinidade, realidade e comunicação).

Os seguintes factos são alguns dos mais comprovados de toda a nossa tecnologia:

O PROBLEMA DE TEMPO PRESENTE

(1) A presença de um Problema de Tempo Presente numa sessão, a menos que manejado, impedirá qualquer ganho. Se existe um “PTP” num pc e tentarmos auditá-lo, ignorarmos o PTP, o gráfico de personalidade do pc não mostrará qualquer mudança, o TA (Ponteiro de Tom do E-Metro) não se movimentará bem, o pc não atingirá os seus objectivos para a sessão e a audição pode eventualmente cessar.

O ACTO OVERT

(2) Na presença de um Acto Overt não revelado e escondido do auditor não importa quão abertamente tenha antes sido feito, o ciclo de comunicação em audição entre o auditor e o pc (como nos Trs de 0 a 4) não pode ocorrer, pois o pc está a *ocultar*. Por isso nada se pode desvanecer na mente reactiva do pc e a audição torna-se dolorosa. O gráfico não muda nem o TA se move bem.

A QUEBRA DE ARC

(3) Na presença de uma quebra de ARC a atenção do pc está tão dispersa pela carga reactiva que foi ultrapassada (reestimulada, mas deixada lá por ambos, auditor e pc) que a tensão da divisão da atenção entre a carga no banco e o auditor, *piora* o caso do pc, *reduz* o gráfico, e *congela* o ponteiro de tom do e-metro.

Por isso não devemos seguir com um ciclo de audição durante uma quebra de ARC, mas apenas *localizar* e *indicar* a carga ultrapassada.

O PONTO PRINCIPAL

Se um auditor não maneja completamente estas três coisas, eventualmente o pc deixa de ser auditado.

Agora, reconhecendo que estas só três coisas, o PTP, O Overt e a Quebra de ARC é que evitam a audição continuada, torna-se necessário que o auditor conheça os seus boletins e seja perito na prática e tenha êxito na libertação, cura, aclaramento ou a fazer OTs.

Não tento que dar toda a anatomia e formas de manejar os três demónios acima nomeados. A tecnologia está por todo o lado em boletins e publicações, e também tenciono fazer um livro sobre cada um deles.

Aqui só pretendo indicar que se um pc tiver ganhos, ele virá a ter mais audição. Se obtiver suficiente audição estável em processos standard, ele subirá até ao cimo. E apenas o PTP, Overt e Quebra de ARC pode impedir os ganhos e a causa das deserções.

Assim, para libertar, curar, aclarar ou fazer OTs, temos que ser peritos em *deserções*, a sua causa e cura.

O PC QUE ABANDONA

Os pcs que desertam ou deixam de ser auditados fazem-no porque:

- (1) Ninguém reparou na Quebra de ARC nascente;
- (2) A acção apropriada não foi tomada em devido tempo.

MANEJAR DESERÇÕES

Assim, temos que fazer três coisas para manejar um pc que está quase a desertar ou que desertou. (Desertar significa ir-se embora, sair, fugir, deixar de estar onde devia realmente estar ou apenas deixar de ser auditado). Essas coisas são:

(1) Notar as condições ou circunstâncias que conduziram à deserção muito antes da pessoa o fazer. Esta é provavelmente a única coisa difícil de ensinar, de acordo com a minha experiência, pois ela depende do auditor, supervisor ou Cientologista observar e não ser “razoável” sobre a condição, de nada ser feito, do ser.

(2) Tomar a acção apropriada para impedir a deserção. Por acção apropriada queremos dizer as circunstâncias existentes que precederam e então adaptar a essas circunstâncias um curso de acção. Exemplo: foi apenas percorrido o nível 1 no pc. Bom, não o podemos meter nos processos do nível VI ou do nível IV. Se o pc esteve a percorrer “isto é” (dizendo: “isto é....”), então obviamente só existe o acusado de recepção do auditor a considerar. Assim nós apenas descobrimos a que é que não foi acusada a recepção. Exemplo: se a pessoa esteve apenas a estudar, descobrimos qual a definição que não foi feita. Em resumo, baseamos a acção naquilo que o ser estava a fazer imediatamente antes da deserção.

(3) Levar efectivamente a cabo o curso da acção. Não descobrimos apenas que o pc tem contenções. Sacamo-las. Exemplo: um pc do HGC está a desertar. O pc estava a percorrer overts. D de P (Director de processamento) diz ao auditor para encontrar a contenção tocada. O auditor volta e diz: “Sim, havia uma”. O D de Pensa: “óptimo, está manejado”. Então o D de P ouve dizer que o pc voltou para Smokeville no meio do intensivo. Verificando, o D de P descobre que, embora uma contenção registasse no e-metro e uma tenha sido sacada, havia uma agulha suja no final. Logo, havia *várias* contenções falhadas e um trabalho ineficaz foi executado.

REMÉDIOS

Os remédios para ameaças de deserção ou deserções só são eficazes se:

- (1) A condição for observada;
- (2) For descoberto o que a pessoa estava a fazer imediatamente antes e planeado um curso de acção baseado nisso mesmo;
- (3) O curso de acção for efectivamente levado a cabo.

A menos que estas coisas sejam feitas, descobrimos com frequência que a pessoa que está a desertar já está fora de alcance. Os remédios impróprios seleccionados ou mal executados parecem não funcionar sendo assim invalidados.

Os remédios são perfeitamente funcionais quando são seguidos os passos acima. Mas uma torta que está amarga demais e precisa de açúcar, não fica mais doce se lhe deitar sal; no entanto o sal é perfeitamente aceitável quando adicionado a um prato que precisa de sal.

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD
Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 9 DE NOVEMBRO DE 1967

Remimeo

**AUDITORES DE REVISÃO
LIVRO DOS REMÉDIOS DE CASO**

REVISÃO DO REMÉDIO A, REMÉDIO B, E S&Ds

(Revisão do livro: Livro dos remédios de caso; este HCOB modifica e clarifica o texto)

Este boletim é para ser inserido e para modificar os PROCEDIMENTOS de "O Livro dos Remédios de Caso" para o Remédio A, Remédio B e S&Ds (Sonda e descoberta de Supressivos).

Uma análise recente dos Departamentos de Revisão das Divisões de Qualificações e do fluxo de estudantes e Pcs que passam através de Saint Hill, mostra que:

1. Os processos CHAVE, no que diz respeito às orgs, são Remédio A, Remédio B e S&Ds.
2. Os Auditores necessitam de tecnologia mecânica directa para fazer estes três processos eficazmente.

REMÉDIO A

O Remédio A localiza os MAL-ENTENDIDOS que a pessoa tem em Cientologia. Originalmente lia-se "Palavras mal-entendidas". Palavras, naturalmente, vão surgir no percurso geral de mal-entendidos.

O REMÉDIO A é feito *somente por LISTAGEM*. Ele não pode ser feito só verbalmente. É um processo de Nível III.

A pergunta de listagem é "Nos assuntos de Dianética ou Cientologia, quem ou o que é que foi mal-entendido?"

O item é encontrado na lista e dado ao estudante. Isto é tudo. Não existe outro passo.

Aplicam-se todas as regras de listagem.

Se o estudante não tiver o item, este não está correcto e a lista deve ser posta em ordem com as regras gerais de audição que regem a listagem.

REMÉDIO B

A forma deste processo foi mudada. É feito *com três* listas. Estas três listas só podem ser feitas por LISTAGEM formal e técnica geral de listagem conforme a técnica do Nível III.

As listas têm a forma de um I



LISTA 1B

Isto é feito para localizar o que em Cientologia T P está a dar problemas. É feito como uma *lista* e o item é assim encontrado.

A pergunta de listagem é a seguinte:

"Nos teus estudos de Dianética e Cientologia com quem ou com que é que estás a ter problemas?"

O item é encontrado e dado ao estudante.

Este passo é regido por toda a técnica de listagem.

LISTA 2B

O item encontrado na Lista 1B é agora listado a fim de se descobrir o assunto do passado semelhante ao que está a causar problemas no tempo presente.

A pergunta da listagem é:

"No teu passado, quem ou o que é que era semelhante a _____ (item encontrado na Lista 1B)?"

É altamente ilegal limitar a pergunta a esta vida.

Aplicam-se todas as regras de listagem.

O item é encontrado e dado ao estudante.

LISTA 3B

A terceira lista do processo é agora feita.

A pergunta da listagem é:

"Quem ou o que é que foi mal-entendido em _____ (item encontrado na Lista 2B)?"

A listagem é regida pela tech geral de listagem conforme encontrada no Nível III.

O item é encontrado e dado ao estudante
Isto completa o Remédio B.

Se ocorrer uma F/N em qualquer momento durante o processo, com bons indicadores bem visíveis no estudante, encerramos o processo nesse ponto.

O processo é usado em qualquer pessoa que esteja com problemas ao estudar Dianética ou Cientologia. Não sendo o problema resolvido com o Remédio A é porque ele vem de um assunto anterior.

Pode ser feito mais que um destes processos se todos os passos para cada um deles forem feitos.

S&D

A Sonda e descoberta (Search & Discovery) da Supressão é chamada "S e D". Este localiza os supressivos no caso.

Muitas vezes eu fui ao fundo da questão (consegui processos que alcançam maior profundidade) com o S&Ds.

O processo mais antigo perguntava simplesmente quem poderia ter sido supressivo para o Pc. Isto ainda é válido mas encontrei nele 2 falhas:

1. O Auditor não faz nunca S&D tipo listagem, mas sim de forma superficial;
2. A lista desta pergunta contém um supressivo real que é completamente ignorado.

Desta forma eu fui ao fundo da questão e obtive resultados muito melhores porque a nova pergunta ia mais fundo.

A nova pergunta era "Quem ou o que é que te poderia ter suprimido".

Depois lembrei-me de uma pergunta ainda mais profunda. Ela era "Que propósito foi suprimido?" Esta foi entregue à Divisão de Qual de Saint Hill há algum tempo atrás. Existiriam 2 listas. A primeira seria para o propósito acima e a segunda seria "Quem ou o que é que supriu _____ (propósito encontrado)?"

Por alguma razão, provavelmente porque ninguém fez as duas listas, este aprofundamento foi negligenciado.

Assim, pesquisei mais e desenvolvi o que vamos usar agora como S&D.

É um daqueles processos matadores. É MUITO forte. Quer dizer, não deve ser usado descuidadamente.

Se pegarmos num item errado num S&D PODEMOS PÔR O PC DOENTE. De forma que se tem de fazer S&D correctamente e seguir todas as regras dadas na técnica do Nível III.

Também descobri agora que quando um item encontrado de uma lista é uma generalidade (assunto múltiplo, não específico como "cães" ou "o público") a lista simplesmente não está terminada. Não se deve terminar com uma generalidade e depois listar essa generalidade. Descobrir-se-á que o Pc irá na mesma listar o item específico não geral, eventualmente. Claro que

podemos também fazer uma lista representativa dum item geral encontrado, se assim parecer melhor.

A verdadeira pergunta para um S&D foi estabelecida somente quando encontrei um propósito que todos os Supressivos têm em comum o qual é um esforço muito fundamental nos supressivos. Este esforço dos supressivos, quando descoberto, permitiu-me formular a pergunta.

A pergunta chave S&D é:

"Quem ou o que é que te tentou aniquilar (unmock)?"

Unmock (um esforço para reduzir ou fazer desaparecer) é o esforço básico dos supressivos.

Assim a pergunta de listagem em questão produz itens totalmente negligenciados pelos tipos de S&D anteriores.

A pergunta precisa ser clarificada cuidadosamente, em termos que não os de Cientologia. Se ela tiver que ser refraseada, cuidado pois o significado pode desaparecer. "Tentou reduzir-te em nada" pode servir, mas nesta altura só unmock foi testada e uma pergunta para outros que não sejam Cientologistas educados, será desenvolvida e emitida e tornada parte do anexo deste livro.

Esta pergunta de S&D tem que ser feita apenas por LISTAGEM e com o grande cuidado de seguir a técnica de Listagem do Nível III pois esta, sendo poderosa, vai dar um resultado inverso no Pc, se for feita descuidadamente e o item descoberto for incorrecto.

O item é descoberto através de listagem e dado ao Pc, o que é o fim do processo. Se daí resultar uma generalidade, esta pode ser representada. Mas a listagem continuada vai dar o mesmo resultado de um item simples. Uma generalidade não pode ser dada ao Pc como o resultado final.

Este processo vai agora ser revisão S&D standard.

L. RON HUBBARD
Fundador

GABINETE DE COMUNICAÇÕES HUBBARD

Saint Hill Manor, East Grinstead, Sussex

BOLETIM DO HCO DE 13 de JANEIRO de 1968

Remimeo

S&Ds

Existem três tipos de S&Ds (Search & Discovery) (Sonda e descoberta). Eles são usados para anular a influência de pessoas ou coisas Supressivas num caso para que a pessoa possa ser processada e não continue PTS (Potencial Trouble Source) (Fonte Potencial de Problemas). As pessoas que estão PTS ficam assim por causa da supressão de pessoas ou objectos. A insanidade é também remediável por S&Ds quando a pessoa pode ser processada.

Estes processos são todos processos de LISTAGEM e se o auditor não está bem treinado e bom na técnica de listagem, não só não ocorrerá qualquer bom resultado, como ainda o pc (dando-lhe o item errado, listando demais ou de menos ou auditando por cima de uma Quebra de ARC ou PTP) pode ficar doente.

Os pcs que ficavam doentes estão *sempre* em maior ou menor grau PTS.

Estas questões não devem ser postas a um pc pois elas podem lançá-lo em auto-listagem.

O “tipo” de S&D é determinado pela primeira letra da palavra chave da pergunta de listagem.

S&D TIPO U

“Quem ou o que é que tentou aniquilar-te(unmock)?”

Quando isto não comunica usamos “Quem ou o que é que tentou reduzir-te a nada?” Um caso em muito mau estado pode responder melhor a “Quem ou o que é que te aniquilou?”

Isto (acima) é o S&D standard e mais usado.

S&D TIPO S

“Quem ou o que é que tu estás a tentar parar (stop)?”

Isto funciona em todos os casos em maior ou menor grau. É particularmente útil num caso que está a dar uma grande quantidade de problemas, tem pequenas leituras ou é bastante supressivo. Isto deve também funcionar no insano pois o ponto em que um θn (thetan) se torna insano é o ponto em que ele começa geralmente a parar coisas. Eu procurei durante anos o ponto em que um θn deixou de ser são e ficou insano sobre qualquer assunto dado e finalmente descobri que era no exacto momento em que ele se dedicou a parar fosse o que fosse.

S&D TIPO W

“De quem ou de que é que tu estás a tentar afastar-te (withrow)?”
Esta é a acção que ocorreu depois de um fracasso para parar.

Ao administrar isto, a melhor ordem seria Tipo W, Tipo S e depois Tipo U se os formos dar ao pc todos dum a vez.

Todos ou qualquer deles pode ser dado ao mesmo pc.

S&Ds podem ser dados mais que uma vez ao mesmo pc.

Devidamente listados, os resultados são mágicos. Se não forem mágicos então a técnica de listagem está muito mal e têm que ser reestudados TODOS os materiais e fitas sobre o assunto.

Os erros são localizados e reparados com a recém nascida L4A (HCOB de 9 Janeiro 1968)

I.RON HUBBARD
Fundador

CAPÍTULO 6

TABELA DE REMÉDIOS

REMÉDIO A

Aplica-se a: QUALQUER ESTUDANTE DOS CURSOS, incluindo E. P. (eficiência pessoal)

O que é Notado: *estar a fonzir o sobrolho ou a dizer mal.*

O que é Estabelecido: esteve principalmente a estudar.

O que Fazer: clarificar com eficiência definições recentemente estudadas.

REMÉDIO B

Aplica-se a: QUALQUER ESTUDANTE DOS CURSOS, incluindo E.P.

O que é Notado: *estar a fonzir o sobreolho, a dizer mal ou criticar ou a fazer perguntas que não se aplicam à Cientologia ou a distorcem.*

O que é Estabelecido: esteve principalmente a estudar assuntos similares durante anos.

O que Fazer: Mandamos auditar a pessoa nas definições não apreendidas em assuntos similares à Cientologia e estudados previamente pelo pc (Em E.P. isto é auto auditado; em todos os outros casos é auditado por um auditor).

REMÉDIO C

Aplica-se a: QUALQUER ESTUDANTE.

O que é Notado: *ser de qualquer maneira destrutivo, criticando instrutores, auditores.*

O que é Estabelecido: esteve principalmente a estudar.

O que Fazer: mandar um estudante dum curso superior ou um estudante competente e qualificado encontrar e sacar as contenções tocadas pelos “Cientologistas” e quando lhas falharam.

REMÉDIO D

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *critica o seu próprio auditor em sessão.*

O que é Estabelecido: recebeu audição deste auditor só nesta sessão.

O que Fazer: procurar e sacar contenções que outros auditores falharam.

REMÉDIO E

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *critica o seu próprio auditor em sessão.*

O que é Estabelecido: Esteve a ser auditado suavemente por este auditor em mais de uma sessão ou tem relações pessoais com o auditor.

O que Fazer: Procure e puxe Overts que o pc cometeu contra este auditor.

REMÉDIO F

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *critica o seu próprio auditor em sessão.*

O que é Estabelecido: Esteve a ser auditado por um auditor que agora está antagonista com o pc.

O que Fazer: mandar fazer um assessment de Quebra de ARC (Nível III a IV) numa lista apropriada e também na Lista Um (L1 para quebras de ARC em sessão). Depois mande ambos, pc e auditor, sacar os O/Ws (overts e contenções) um ao outro.

REMÉDIO G

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *Critica o curso ou a organização.*

O que é Estabelecido: Foi auditado durante algum tempo sem ganhos (TA mímino).

O que Fazer: Mande fazer um assessment de quebra de ARC no pc usando a lista para os últimos processos percorridos e também para a sessão. Faça assessment de carga ultrapassada, aclarando cada uma das listas apropriadas e de sessão. Depois procure PTPs não revelados e standards ocultos e maneje com itsa as soluções que encontraram para cada problema à medida que é encontrado, até a agulha não registrar em “Como é que te sentes com _____?”

REMÉDIO H

Aplica-se a: QUALQUER PESSOA.

O que é Notado: *recusa audição.*

O que é Estabelecido: nunca foi auditado.

O que Fazer: descobrir que objectivo esta pessoa teve e que foi frustrado. Indicá-lo à pessoa como carga ultrapassada. Descobrir quem é que nas imediações da pessoa não lhe acusou a recepção e localizar ciclos de comunicação incompletos com essa pessoa. Encontrar outras pessoas na vida da pessoa que não lhe acusaram a recepção. Localizar estes ciclos, etc. Depois maneje como caso de rotina, mas use somente processos ligeiros, Itsa nas soluções para problemas, depois localizacionais e depois havingness.

REMÉDIO I

Aplica-se a: QUALQUER PESSOA.

O que é Notado: *estar azedo e muito polémico com a Cientologia.*
O que é Estabelecido: nenhuma experiência com a Cientologia.
O que Fazer: evite discutir sobre Cientologia. Discuta *apenas* outros assuntos, similares da Cientologia, que a pessoa não compreendeu, até a pessoa se sentir melhor com eles. (Isto não é feito como audição). Depois encontre o objectivo que foi frustrado através do assunto anterior e semelhante sobre o qual ele está mais azedo e indique-o como carga ultrapassada e prossiga conforme o REMÉDIO H.

REMÉDIO J

Aplica-se a: QUALQUER PESSOA.

O que é Notado: Criticando-o como Cientologista.

O que é Estabelecido: Nenhuma experiência com a Cientologia.

O que Fazer: Levar a pessoa a discutir dificuldades que tenha tido para ajudar pessoas. (Manejar isto como ciclos incompletos que a pessoa tem). Ter o cuidado de acusar a recepção a quaisquer overts revelados, mas não sonde nenhum que não seja apresentado. Continue então como no REMÉDIO H.

REMÉDIO K

Aplica-se a: PC AVANÇADO(níveis superiores).

O que é Notado: *Recusando audição.*

O que é Estabelecido: Teve alguma audição sem êxito altamente re-estimulativa.

O que Fazer: Faça um assessment de quebra de ARC apropriado ajustado ao processo percorrido. Localize e indique assim a carga principal do processo. Faça uma sessão tipo Assessment de quebra de ARC se necessário(se o pc ainda não está contente). Quando a quebra de ARC se foi, audite o pc sobre assessments de carga ultrapassada nas mesmas listas utilizadas para localizar a quebra de ARC. Continue o processamento dos processos que estavam já em progresso.

REMÉDIO L

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *O pc a recusar a maioria dos auditores disponíveis.*

O que é Estabelecido: O ARC do pc foi quebrado algures por algum técnico ou auditor.

O que Fazer: Se auditado no nível III ou abaixo, fazer assessment de quebra de ARC generalizado (construindo perguntas na lista, “na audição _____ ?”) com a L1 (pode ser alargada para incluir qualquer técnico antes da Cientologia). Se auditado acima do nível III, faça assessment de quebra de ARC usando a lista para os processos mais recentemente percorridos, generalizando então para processos assessment de Quebra de ARC com a L1 (sessão). Depois sacar os withholds que o auditor(ou técnicos anteriores) falharam. Depois saque overts sobre auditores anteriores (ou outros técnicos). Depois

puxe overts no auditor presente. Retome o processo cujo percurso foi começado.

REMÉDIO M

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *O pc desertou.*

O que é Estabelecido: Auditado por cima de quebras de ARC.

O que Fazer: Examine os relatórios cuidadosamente e encontre a sessão anterior em que o pc pela primeira vez, estabeleceu um objectivo azedo no começo de sessão. Examine a sessão imediatamente anterior a essa e liste, a partir do relatório dessa sessão, várias razões possíveis para a carga ultrapassada tanto em relação ao processo que estava a ser usado como à Lista Um (Quebras de ARC em sessão). Por qualquer meio de comunicação *indique* ao pc cada uma destas possíveis razões como possível carga ultrapassada. Quando o pc volta, faça um assessment generalizado de carga ultrapassada cobrindo os tipos de processos percorridos durante e desde a primeira quebra de ARC. Depois faça um assessment de carga ultrapassada L1 (qualquer sessão) duma forma generalizada. Depois determine que Metas em audição foram frustradas, manejando com Itsa e deixe o pc ter a cognição das várias cargas ultrapassadas assim localizadas. Então retomar a audição que foi interrompida pelo deserção.

REMÉDIO N

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *Saindo da sessão bem, mas voltando sistematicamente para a nova sessão soterrado com novos PTPs.*

O que é Estabelecido: Descobrir se o pc tem alguém próximo dele e a lutar contra a Cientologia e a reduzi-lo a nada a ele ou aos seus ganhos.

O que Fazer: Se assim for, mandar o pc sair desse ambiente durante o intensivo.

REMÉDIO O

Aplica-se a: PC INSANO.

O que é Notado: *Parentes ou outros a dizerem que algo tem de ser feito.*

O que é Estabelecido: O pc pode ser melhor ajudado arranjando um ambiente seguro para ele.

O que Fazer: Aconselhar isolamento e descanso tranquilo longe das áreas e companhias habituais e proibir tratamentos fisicamente prejudiciais de qualquer espécie.

REMÉDIO P

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *O pc continuamente sobre reestimulado apesar da audição eficiente.*

O que é Estabelecido: Fica mais reestimulado com o ambiente habitual do que a audição consegue acompanhar.

O que Fazer: Aconselhar mudança de residência e não trabalhar durante o período do intensivo.

REMÉDIO Q

Aplica-se a: QUALQUER PC.

O que é Notado: *Nenhum remédio parece funcionar.*

O que é Estabelecido: Descubra que outras terapias ou exercícios o pc também está a fazer entre sessões.

O que Fazer: Percorra Itsa em ideias que ele teve para se ajudar a si mesmo até a dificuldade original surgir, e maneje-a.

CAPITULO 7

REMÉDIOS DO SUPERVISOR

A seguinte secção da tabela de remédios aplica-se a qualquer sessão.; por isso a parte “Aplica-se a” é omitido. A parte de “o que é Observado” de cada remédio refere-se ao que o supervisor observa em relatórios de audição ou vê na verdadeira sessão. A parte de “o que Fazer” refere-se ao que o supervisor agora procura ou estabelece ser o caso. Aparte “O que Mandar Fazer” é o que o supervisor manda o auditor fazer, tanto directamente como por escrito no relatório do auditor.

Reconheçamos que estes remédios a seguir também devem ser usados pelo auditor individual.

REMÉDIO R

O que é Observado: *nenhuma acção de TA; estava a obtê-la, deixou de a obter.*

O que Fazer: Procurar em relatórios anteriores para ver quando o TA cessou e o que aconteceu nessa altura.

O que Mandar Fazer: Algum processo anterior não ficou aplanado ou o auditor não manejou qualquer coisa. Dizer o auditor para aplinar processos anteriores ou manejar o que for encontrado.

REMÉDIO S

O que é Observado: *o TA subiu.*

O que Fazer: Voltar atrás e ver onde o TA estava baixo. Encontrar o ponto imediatamente depois disso onde algo aconteceu. Investigar o que aconteceu nesse período. (PTP, contenção tocada, etc.).

O que Mandar Fazer: Manejar o que for encontrado.

REMÉDIO T

O que é Observado: *o pc mostra má cara enquanto dá ganhos (não atingiu a maior parte dos objectivos da sessão)*

O que Fazer: investigar a sessão através do relatório, do auditor ou do pc. (O auditor sobre-aplanou um processo, fez Q&A ou qualquer outra coisa).

O que Mandar Fazer: manejar o que aconteceu que perturbou o pc, especificando.

REMÉDIO U

O que é Observado: *o auditor relata que os comentários do pc são críticos.*

O que Fazer: investigar essa sessão. (PTPs, contenções tocadas, quebras de ARC, etc.)

O que Mandar Fazer: manejá-lo, especificando o que foi encontrado.

REMÉDIO V

O que é Observado: *o auditor diz que o pc está a ser percorrido num processo errado. No entanto há acção de TA.*

O que Fazer: o pc a protestar a sessão; o auditor a concordar.

O que Mandar Fazer: Aplanar o processo.

REMÉDIO W

O que é Observado: *o auditor diz que o pc tem um processo não aplanado.*

O que Fazer: Talvez o pc esteja só preso num ganho. Algo errado. Descobrir falando com o pc.

O que Mandar Fazer: se o processo em que o pc teve ganhos não está aplanado aplaná-lo depois de ter aplanado o que estamos a fazer. Se o pc está só preso num ganho, tirar fora as considerações do pc sobre isso e desprendê-lo para que ele possa ser percorrido em qualquer coisa.

REMÉDIO X

O que é Observado: *o auditor comenta que o processo está aplanado mas ainda está a obter TA com ele.*

O que Fazer: normalmente ao investigar, descobrimos que o pc está a protestar que o processo está aplanado e o auditor concordou dizendo que a acção de TA é em “Protesto”.

O que Mandar Fazer: Pôr os ruds dentro; Aplanar o processo.

REMÉDIO Y

O que é Observado: *o auditor a sugerir alguma solução esquisita.(como, o pc não pode ser auditado quando ele está a ser auditado).*

O que Fazer: descobrir por que é que o auditor está a sugerir a solução. (Talvez contenções de outros à sua volta, etc.).

O que Mandar Fazer: Manejar a razão pela qual a sugestão está a ser feita. (É um (itsa), qualquer processo elementarmente breve).

REMÉDIO Z

O que é Observado: *o auditor culpar o curso, supervisor, etc., pela a condição do pc. Se não culpa o curso, culpa o ambiente do pc por*

essa condição. (O estudante auditor comenta: “o curso é super re-estimulativo. Não deixar o pc estudar nem nada”).

O que Fazer: reconhecer que o auditor não é bom a desreestimular o pc, mas que é bom a restimulá-lo.

O que Mandar Fazer: percorrer apenas processos desreestimuladores. (PTPs, overts, etc.).

REMÉDIO AA

O que é Observado: *o pc teve choques eléctricos. A solução do auditor é percorre-los.*

O que Fazer: supervisar em cima para impedir que seja feito.

O que Mandar Fazer: toque ligeiro. Não se aproximar dele. Deixar o pc no topo. Não atirar o pc para algo que ele não possa manejá-lo. Processos localizadores, ARC fio directo, etc.

REMÉDIO AB

O que é Observado: *nenhuma acção de TA em somáticos crónicos. o auditor pretende fazer algo instantaneamente, mas nada de TA no assunto. O auditor tem todas as razões e mais uma para algo tenha que ser feito acerca disso.*

O que Fazer: descobrir alguma coisa no o assunto em geral que reaja bem no e-metro (hospital, médico, etc.) e em que possa dar acção de TA, ou algo que eles não conseguiram fazer ou que os impidiu de fazer por causa do somático ou o que lhe custaria perdê-lo.

O que Mandar Fazer: percorrer isso.

REMÉDIO AC

O que é Observado: *pc inquieto em audição (inquietação de audição).*

O que Fazer: Havingness em baixo. O auditor não está realmente a percorrer correctamente um processo de Havingness.

O que Mandar Fazer: assegurar que o processo de Havingness é correctamente percorrido ou que é encontrado o processo correcto de Havingness do pc.

REMÉDIO AD

O que é Observado: *ao ser auditado o pc não quer ser controlado.*

Não tem quebra de ARC, apenas teimoso

O que Fazer: verificar ajuda.

O que Mandar Fazer: chaveta de ajuda de 5 vias.

REMÉDIO AE

O que é Observado: *o pc queixa-se de massa seja o que for que percorramos.* (*O auditor diz: “sempre que o pc fala de 1962 contrai massa”*).

O que Fazer: reconhecer que se trata de um facsímile de serviço.

O que Mandar Fazer: localizar e manejar o facsímile de serviço do pc.

REMÉDIO AF

O que é Observado: *o pc tipo degradado (nunca foi capaz de ajudar). O pc tipo “não consegue” não consegue auditar, etc.*)

O que Fazer: descobrir se de facto eles são eficazes na área em que dizem que não são.

O que Mandar Fazer: verificação de segurança (sec check) apropriado. (Existem overts escondidos na área da queixa). (Uma lista de verificação especial pode ter que ser concebida para essa área).

REMÉDIO AG

O que é Observado: *PTP crónico estranho.* (*O preclaro está sempre preocupado com “o marido andar com outra mulher”, contudo isto não está a acontecer). Nenhuma acção de TA no assunto.*

O que Fazer: se não houver acção de TA no assunto, descobrir de que problema realmente se trata.

O que Mandar Fazer: procurar numa área cerca desse assunto que dê TA e percorrê-la e despreestimular o problema. (Se o assunto der TA percorrer como qualquer outro PTP).

REMÉDIO AH

O que é Observado: *os auditores não conseguem auditar o pc. constante maldizer (natter) nas sessões, não acontece nada.*

O que Fazer: descobrir se o pc está com uma quebra de ARC com a vida.

O que Mandar Fazer: R4H (R2H era a antiga designação para o mesmo processo)

REMÉDIO AI

O que é Observado: *o pc percorre sempre o mesmo incidente.*
O que Fazer: descobrir o que é que o pc está a fazer com este PTP crónico que nunca foi trazido à tona ou reconhecido. O incidente explica algo ao pc. (O pc está a usar o incidente como solução para um PTP que tem que ser percorrido).
O que Mandar Fazer: localizar e percorrer o *verdadeiro* PTP.

REMÉDIO AJ

O que é Observado: *o pc que tem overts enormes e não assume a responsabilidade por eles.*
O que Fazer: reconhecer que o pc não tem uma ideia real que são overts e essas acções não são reais para o pc.
O que Mandar Fazer: percorrer justificações.

REMÉDIO AK

O que é Observado: *a pessoa que nunca fez nada de mal em toda a sua vida.*
O que Fazer: reconhecer a situação como impossível e que o pc está a ocultar fortemente.
O que Mandar Fazer: encontrar os overts perguntando: “alguma vez assassinaste alguém?” (fazer muitas perguntas chocantes). O pc contesta, mas trata-se das coisas reais que o pc fez.

REMÉDIO AL

O que é Observado: *o pc não consegue lembrar-se de nada.*
O que Fazer: reconhecer que o pc está abaixo de processos de recordar.
O que Mandar Fazer: parar imediatamente com os processos de recordar. Percorrer somente processos objectivos de tipo simples. (“Onde está o objecto da sala _____?”), até o pc se poder recordar.

REMÉDIO AM

O que é Observado: *o pc não faz qualquer trabalho numa sessão. O auditor tem que fazer tudo.*
O que Fazer: reconhecer que a sessão é uma solução.
O que Mandar Fazer: “para que é que uma sessão de audição é solução?” Então: processo Feito/Não feito.

REMÉDIO AN

O que é Observado: *o pc não quer falar do caso. Vem para a sessão, mas não está interessado no caso.*

O que Fazer: reconhecer que o pc não consegue comunicar porque não tem ninguém com quem falar, não tem personalidade. Escassez de terminais.

O que Mandar Fazer: “recorda um terminal”. Também ARC fio directo.

REMÉDIO AO

O que é Observado: *o pc não pensa haver nada de errado com ele.*

O que Fazer: sentar e descobrir o que é que o pc pode melhorar. “Em que área achas que podes introduzir algum melhoramento?”

O que Mandar Fazer: Processo de área.

REMÉDIO AP

O que é Observado: *o processo a correr bem com boa acção de TA, contudo no dia seguinte , processo não aplanado, mas não se consegue obter TA no pc. Também o pc que tem sempre que ter um processo novo.*

O que Mandar Fazer: encontrar overts ou contenções. Se estes não curam isto usamos qualquer tipo de Duplicação que era um processo standard para dificuldades de duplicação. Percorrer duplicação. (Dois objectos, semelhanças das coisas, procedimento de abertura por duplicação, etc.).

REMÉDIO AQ

O que é Observado: *o pc irreal. (Não tem uma perna, mas tem a ambição de dançar ballet).*

O que Fazer: reconhecer o facto de que o pc é uma irrealidade e que ele *não está a confrontar*.

O que Mandar Fazer: percorrer o objectivo realidade.(“Olha aqui à volta e encontra algo realmente real”). Os processos de velho universo e valências também aqui funcionam.

REMÉDIO AR

O que é Observado: *o pc a olhar, vai melhor, mas parece não conseguir quaisquer ganhos. Reclama.*

O que Fazer: reconhecer o facto de que o pc está a sucumbir. Os objectivos do auditor e do pc são contrários. Standard oculto.

O que Mandar Fazer: “O que é que teria que acontecer para saberes que a Cientologia funciona?” Percorrer repetitivamente e listar cuidadosamente PTPs que o pc usa como respostas para um eventual manejamento. A gafe ao fazer isto não é listar os PTPs que o pc levanta. Estes têm é que ser manejados depois do processo acima estar aplanado.

REMÉDIO AS

O que é Observado: *o pc que chocar o auditor.*

O que Fazer: reconhecer o facto de que o pc está apenas a tentar produzir efeitos.

O que Mandar Fazer: processos de produzir efeitos. “O que é que tu poderias realmente fazer?”

REMÉDIO AT

O que é Observado: *o pc apenas quer falar das faltas dos outros e raramente das suas próprias.*

O que Fazer: reconhecer que o pc não fala das sua faltas e que ele tem contenções.

O que Mandar Fazer: Jo 'burg. Justificações.

REMÉDIO AU

O que é Observado: *o pc tem sempre “contenções” que ele revela e que são críticas ao auditor.*

O que Fazer: reconhecer como sintoma de overt contra o auditor ou que o pc nunca reconhece quem é que o auditor é. Confunde o auditor com outra pessoa.

O que Mandar Fazer: percorrer overts contra o auditor ou “olha para mim, quem sou eu?”

REMÉDIO AV

O que é Observado: *o pc a inventar processos que têm que ser percorridos nele.*

O que Fazer: reconhecer o facto de que o pc tem processos não aplanados.

O que Mandar Fazer: encontrar e aplanar processos não aplanados.

REMÉDIO AW

O que é Observado: *o pc a escrever notas enormes ao auditor.*

O que Fazer: reparar que não foi acusada a recepção ao pc.

O que Mandar Fazer: “o que é que eu ouvi?” ou outro processo de acuso de recepção. (Também “recorda um terminal”).

REMÉDIO AX

O que é Observado: *o pc que faz tudo aquilo que não é para fazer ao ser auditado.*

O que Fazer: reparar como o pc sente que não merece audição. Desperdício de audição. Desperdício de ajuda.

O que Mandar Fazer: “quem é que merece audição?” Qualquer dos velhos processos de Valências ou Universos. Também “quem é que devia ter audição?”

REMÉDIO AY

O que é Observado: *o pc que só pode ser auditado por um auditor específico.*

O que Fazer: reconhecer escassez de terminais.

O que Mandar Fazer: “recorda um terminal”

REMÉDIO AZ

O que é Observado: *o pc que reclama que o processamento arruinou alguma capacidade.*

O que Fazer: descobrir se o processo foi deixado por aplanar.

O que Mandar Fazer: aplanar o processo que o “arruinou”.

REMÉDIO BA

O que é Observado: *o pc está a fazer algo diferente do auditor.*

O que Fazer: reconhecer que o pc está a fazer coisas estranhas com as perguntas.

O que Mandar Fazer: mímica de mãos no espaço ou qualquer outro processo de duplicação.

REMÉDIO BB

O que é Observado: *pc com contenções, mas nunca as revela.*

O que Fazer: reconhecer que o pc foi auditado acima do nível de comunicação.

O que Mandar Fazer: “com que é que seria seguro tu falares?” ou “o que é que me poderias dizer?”

REMÉDIO BC

O que é Observado: *o pc obsessivamente escavando coisas más no seu caso. (Fazemos algo pelo pc e ele tem outra coisa errada. Não podemos ir à frente das dificuldades ou sintomas do pc)*

O que Fazer: estabelecer se o pc está em audição por sua própria autodeterminação e manejar PTP com a pessoa que leva o pc a ser auditado. Verificar também facsímiles de serviço. Também PTP enorme ou overt enorme não revelado.

O que Mandar Fazer: manejar o que for estabelecido acima.

REMÉDIO BD

O que é Observado: *pc em ganhos passados (glórias de ontem)*
O que Fazer: reconhecer que o pc está preso em ganhos.
O que Mandar Fazer: processamento tipo validação. “O que é que tu foste?” ou “recorda um ganho”.

REMÉDIO BE

O que é Observado: o pc sempre e apenas auditado na banda anterior (back track).
O que Fazer: ver se o pc não estará sobre reestimulado.
O que Mandar Fazer: só audição leve do tipo desreestimuladora.

REMÉDIO BF

O que é Observado: *o pc sempre a percorrer identidades do passado como tendo sido importantes.*
O que Fazer: ver se o pc está azedo com a vida presente ou se ele se sente aviltado com qualquer coisa.
O que Mandar Fazer: R4H (a velha R2H agora designada como R4H).

REMÉDIO BG

O que é Observado: *o pc que usa continuamente termos psicanalíticos, sintomas e explicações, ou qualquer pc que usa termos e sintomas de outra prática, religião ou actividade.*
O que Fazer: estabelecer de que prática ou corpo de conhecimento se tratava.
O que Mandar Fazer: “para que é que a (prática) foi uma solução?”, O/W (overts e contenções), contenções tocadas, do prático, termos mal entendidos, “processos” não aplanados. Obter o problema que o pc estava a tentar resolver indo ao analista (ou outro prático). Se o problema está ocluso ele emergirá finalmente mandando o pc recordar soluções. (To da a psicanálise pode ser “sondada” em pouco tempo).

REMÉDIO BH

O que é Observado: *incapaz de puxar um overt.*
O que Fazer: obter uma subida do nível de comunicação do pc para com o auditor.
O que Mandar Fazer: asseguraram-nos que o pc não está no meio dum quebra de ARC (se sim fazer o assessment apropriado e manejear primeiro a quebra de ARC). Mandar percorrer “De que é que estás disposto a falar comigo?” até o estudante ou pc estar em boa comunicação com o auditor. Depois puxar os ovets.

REMÉDIO BI

O que é Observado: *o estudante ou pc quer-se ir embora antes da actividade terminada. Tem motivadores.*

O que Fazer: martelar a cabeça de qualquer um que esteja a “ser razável” sobre a condição explicando-lhe definições e overts. Mandar manejear o estudante ou o pc por ele próprio ou por outro. Recusar permitir que as pessoas aqui cometam erros.

O que Mandar Fazer: (a) manejear qualquer quebra de ARC através de lista apropriada. (b) Puxar qualquer overt que o pc ou estudante tenha recentemente cometido na área. (c) Localizar e definir a palavra que o estudante ou pc falhou ou não compreendeu. (d) Verificar overts e também palavras mal entendidas no Supervisor ou auditor.

REMÉDIO BJ

Aplica-se a: CASOS QUE NÃO RESPONDEM A NADA ATRÁS MENCIONADO.

O que é observado: *nenhum remédio funciona apesar dele ter sido auditado segundo eles.*

O que Fazer: descobrir se o pc:

- (a) Esteve a aspirar ou lhe foi prometida uma compensação pela incapacidade ou
- (b) Está de algum modo a ser premiado pela sua condição ou
- (c) Fez parte de uma profissão de cura ou
- (d) É um auditor profissional ou Cientologista.

Fazer o assessment das palavras “condição”, “incapacidade”, “doença”, de maior leitura. (Podem ser usadas para assessment outras palavras de natureza semelhante).

O que Mandar Fazer: aplanar o seguinte processo: “por que (palavra apurada) foste pago?” (O tempo do verbo pode também ser mudado para “estás a ser” ou “vais ser” ligado à palavra apurada).

CAPÍTULO 8

NOTAS TÉCNICAS

Nota 1: A DIFERENÇA ENTRE ASSESSMENT DE QUEBRA DE ARC E CARGA ULTRAPASSADA DE AUDIÇÃO. Não *auditamos* um Assessment de quebra de ARC. A audição consiste de perguntar ou dar comandos e acusar a recepção. Não perguntamos nada nem damos um comando e depois acusamos a recepção ao fazer um Assessment de quebra de ARC. Apenas o *fazemos* e indicamos ao pc o que ler na agulha. Fazemos isto até o pc estar de novo alegre. Existem muitas listas. Só uma, (a L1) se aplica a uma sessão. As outras aplicam-se a níveis e a tipos de processo.

Só um operador perito no e-metro deveria fazer assessments de Quebra de ARC. Um operador sem perícia só cria mais quebras de ARC por causa dos erros que comete.

Se um auditor que não sabe fazer assessments de quebra de ARC tem um pc com quebra de AR, ele deve procurar um auditor que possa fazer um assessment e mandá-lo fazê-lo ao pc antes de continuar com a audição.

Um assessment de *carga ultrapassada*, infelizmente também te “assessment” como parte do seu nome e pode ser confundido com assessment de quebra de ARC. Mas um assessment de carga ultrapassada é *audição verdadeira* (Nível III). Aqui limpamos cada leitura por mais pequena que seja, da pergunta (mas não limpamos as limpas) antes de prosseguir para a próxima pergunta, manejando originações do pc e acusando a recepção. Nunca fazemos isto com um pc com o ARC quebrado. Com uma quebra de ARC só escavamos à procura uma leitura grande e indicamo-la ao pc.

Nota 2: A QUEBRA DE ARC DUPLA. Se em qualquer altura durante o manejamento de um pc que está a querer desertar ou desertou, o pc quebra o ARC *de novo* enquanto lhe fazemos o assessment de quebra de ARC: (a) localizar a carga que acabou de ser ultrapassada e depois (b) retomar o manejamento que estava a ser procurado quando a nova quebra de ARC ocorreu. Não tomar mero critismo e má língua que está normalmente pressente durante o assessment de quebra de ARC por uma nova quebra de ARC.

Nota 3: Tudo o acima referido se aplica à mesa de plasticina ou a qualquer outro tipo de audição.

Nota 4: Nos remédios do Supervisor fui grandemente ajudado por Mary Sue que supervisou mais HGCs do que qualquer outro auditor no mundo.

CAPÍTULO 9

CONCLUSÃO

Nenhum dos remédios dados acima falharam quando verdadeiramente aplicados em qualquer caso que tivesse sintomas para os quais o processo é recomendado.

Eles foram usados como conselho de rotina dados por mim aos auditores para os seus preclaros.

Eles foram usados em muito mais instâncias por Mary Sue durante o tempo em que ela foi Supervisora de Caso ou Directora de Processamento em muitas organizações.

Quase todos estes processos são antigos.

Notaremos que estes processos *não* resolvem as aberrações principais do preclaro. Eles apenas resolvem as suas queixas, falta de ganhos e a tendência para desertar.

Embora úteis mesmo em processamento geral, poucos seriam uma dieta satisfatória para todas as sessões, sempre.

Aqui tomamos apenas os casos problemáticos, os casos que são tornados problemáticos por falta de ganhos, as situações de caso que absorvem a maior parte do tempo dos supervisores e esgotam a sua moral e a dos auditores.

Não me lembro neste momento de nenhum caso ou condição de deserção diferente dos que são dados nas tabelas acima. E a Mary Sue, depois de pensar algum tempo,, não se lembrou de quaisquer outros. Isto não quer dizer que não haja outros, mas se os houvesse seriam bastante invulgares.

A USAR PELOS SUPERVISORES

A excepção aparente à tabela, o caso que toda a gente diz ser diferente, cai sob o “título Australiano”(porque os Australianos quase nunca fazem o que lhes é pedido).

Esta excepção seria mais ou menos assim: D de P a um auditor de pessoal: “usar o remédio AG no seu pc hoje”. (Mais tarde) o auditor de pessoal para o D de P: “aquilo não funcionou”.

Esta rotina *poderia* ser seguida pelo D de P pensando: “Ena, é um tipo diferente de caso não coberto pela tabela”, e sentando-se pela noite dentro a preparar uma nova abordagem. Se o D de P fosse sabido com os auditores, *deveria* ter dito: “o que é que não funcionou?” E o Auditor de pessoal teria então dito: “Bom, mandar o pc pensar em coisas horríveis para fazer ao marido”. O que *não é*, se virmos bem, o REMÉDIO AG.

Por ser sabido nestas matérias é que eu próprio pergunto sempre: “*o que* é que não funcionou?” E se a resposta fosse aquilo que eu tinha dito, teria então perguntado ao pc o que foi percorrido e logo veria que qualquer outra coisa tinha sido usada.

Assegurando-me de que a ordem *era* seguida e executada, descobri o que funcionava e o que não funcionava; por isso temos uma tabela.

E utilizando-a para supervisar asseguram-nos de que:

- (1) A condição que o pc manifesta é a que é reportada.
- (2) A manifestação é correctamente localizada na tabela, e
- (3) A instrução é devidamente e completamente executada.

Só se fizermos estas coisas podemos supervisar com êxito a audição do pc. O Supervisor de Caso ou o D de P que não tem em conta os três passos acima, sem remorso, terá deserções de pcs; eles simplesmente não continuarão com audição.

Mas terminemos com uma nota mais alegre.

Temos aqui os segredos de catorze anos de experiência a reparar casos e a mantê-los a andar.

Estou contente por ter pensado em juntar tudo isto para vós.

E sejam bem-vindos a todo o êxito que proporciona.

Boa audição!

L.Ron Hubbard

ÍNDICE DOS REMÉDIOS

Actividade incompleta, quer abandonar acusar a recepção, Falta de	BI H,AW
Ajuda, desperdício	AX
Ajuda, dificuldades com	J,AF
Ambiente	N,O,P,Z
Ambiente seguro	O,BB
Amigos opositos ao pc	N
antagonismo, Auditor	F
Aplanar processo	W,X
ARC, quebras	F,G,K-L-M,U,AH,BH,BI
Audição, Desperdício	AX
Audição, Insucesso	K
Audição, Recusa	H,K
Auditores profissionais	BJ
Auditores, Recusa	L,AY
Auditores não conseguem auditar este pc	AH
Avançado, pc	K
Azedume	I,BF
“Capacidade arruinada pelo processamento”	AZ
Carga ultrapassada	G,K,M
Caso, “não tem”	AN,AO
Casos, (outros), remédios para	Q,B,J
Chocar o auditor, atentar	AS
Ciclos de comunicação, incompletos	H,J
Condição de ter	H,A,C
Confrontar, não	AQ
Contenções	F,AK,AP,AT,AU,BB,BG
“Contenções”, crítico	AU
Contenções tocadas	C,D,L,S,U,BG
Contenções, nunca as tira	BB
Controlo, resistência	AD
Conselho, Dar	N,O,P
Crítico	A,B,C,D,E,F,G,J,U,Z,AT,AU
Crítico do seu auditor	D,E,F,AU
Cura, técnicos	BJ
Cursos	A,B,C,
Definições, uso de	A,B,I,BG,BI
Degradado, pc	AF, BC, BF
Desertado	M
Desperdiçando audição, ajuda	AX
Desreestimulação	K,N,O,P,Z,AG,BE
Determinação, de outros	BC
Dificuldades, não pode manter-se à frente de	N,P,BC
Discussão	I,J
Duplicação, falta de ou não-duplicação	AP,BA
Efeito no auditor, quer produzir	AS
Eficiência pessoal, curso (útil para)	A,B,C,I,J
Eléctrico, choque	AA
Entre sessões	N,P,Q
Estudantes	A,B,C
Exercícios, outros campos	Q
Fac de serviço	AE,BC
Faltas, dá as dos outros	AT
Faltas, não tem	AK
Franze o sobrolho	A,B
Funciona em sessão, não	AM

Ganho, não	G,K,N,P,Q,AB,AH,AR,BJ
Ganhos com má cara	T,AR
Ganhos, preso em	W,BD
Identidades, importantes do passado	BF
Incapacidade, compensação de	B,J
Incidente, sempre a percorrer o mesmo	AI
Indisposição em audição	AC
Infracções de regras	AX
Insano, pc	O
Interesse, nenhum no caso	AN
Invenção de processos	AV
Irreal, pc	AJ,AQ
Justificações	AJ,AT
Má língua	A,B,C,AH
Massa, queixa sobre	AE
“Merece não audição”	AX
Motivadores	BI
Nível de comunicação, auditado acima	BB,BH
Níveis superiores	K,L
Não Consegue, pc tipo	AF
Notas, escreve enormes ao auditor	AW
queixoso, pc	AR,AZ
Oclusão	AL,BG
Objectivo frustado	H,I,M
Objectivos, auditor e pc em oposição	AR
Objectivos, má cara no começo da sessão	M
Objectivos, sessão não consegue	T
Outros tratamentos (terapias)	B,O,Q,BG,BJ
Overts	E,F,J,L,Z,AF,AJ,AK,AP,AT,AU,BC,BH,BI
Overts, dá os dos outros	AT
Overts, dá-os obsessivamente	BC
Overts, não tem	AK
Overts, sobre o auditor	E,F,AU
Palavras mal compreendidas	A,B,I,BG,BI
Parentes	N,O,P
Pessoas novas (não Cientologistas)	A,B,H,I,J,L
Perguntas, não aplicáveis	B
Banda total, Sempre	BE
Polémica, pessoa	I
Práticas, outras	O,Q,BG
Preso em ganhos	W,BD
Processo errado	V
Processos, manejamento de	
tem sempre que ter novos	AP
aplanados	R,V,W,X,AP
invenção	AV
sobre aplanado	T
protesto	V,X
não aplanado	R,V,W,X,AP,AV,AZ,BG
errado	V
Processo não aplanado	R,V,W,X,AP,AV,AZ,BG
Processos (tipos)	
acusar a recepção	H,J,A,W
ajuda	AD
ARC, fio directo	AA,AN
assessment de quebra de ARC	F,G,K,L,M,U,AH,BH
carga ultrapassada assessment	G,K,M
condição de ter	H,AC
conselho	B,N,O,P
definições	A,B,I,BG,BJ

discussão	I,J
duplicação	AP,BA
efeito, produção	AS
Fac de serviço	AE,BC
“feito/não feito”	AM
Itsa	G,H,M,Q,Y
Jo”burg	AT
Lock, esquadrinhar	BG
justificações	AJ,AT
locacional	H,AA
Contenções falhadas	C,D,L,S,U,BG
Contenções	F,AK,AP,AT,AU,BB,BG
Objectivo	AL,AQ
O/W	F,AM,BG
Overts	E,J,L,Z,AF,AJ,AK,AP,AU,BC,BH,BI
R-4H (R-2H)	AH,BF
Recordar	AL,AN,AW,AY,BD,BG
Soluções	G,AM,BG
Universo	AQ,AX
Valênciac	AQ,AX
Validação	BD
Verificação de segurança	AF,AK,AT
Psicanálise	BG
PTP’s	G,N,P,Q,S,U,Z,AG,AI,AR,BC,BG
PTP’s constantemente com novos	N,P
PTP’s, crónico	AG,AI
Puxar overts, incapaz de	BH
Q&A	T
Razoabilidade	BI
Recordação, nenhuma	AL
Recusa audição	H,K
Recusa auditores	L,AY
Registars (útil para)	H,I,J
Religiões, outras	BG
Remédios, quando nenhum funciona	Q,BJ
Responsabilidade, nenhuma	AJ
Restimulação	K,N,O,P,Z,BE
Sobre aplanado, processo	T
Sobre restimulação	K,N,O,P,Z,BE
Soluções do auditor	Y,Z,AA,AB
Soluções estranhas	Y,Z,AA,AB,AI,AM
Somáticos crónicos	AB
Standards ocultos	G,AR
Supervisores (útil para)	A,B,C,G,I,J,BI
TA alto	S
TA, acção mínima	G
TA, acção nenhuma	R,AB,AG,AP
Técnicos	L,BG,BJ
Terminal, escassez	AN,AW,AY
Termos mal compreendidos	A,B,I,BG,BI
Tratamento, terapias outras	B,P,Q,BC,BF